

PROMOÇÃO DE INCLUSÃO POR MEIO DA LIGA DE LIBRAS E ATENÇÃO À SAÚDE DA PESSOA SURDA

Fernando Parahyba Diogo de Siqueira¹

Camila Albuquerque Colares²

Letícia Silva Gurgel³

Felipe Cavalcante Nunes⁴

Iranise Ramalho Lima Martins⁵

Terezinha Teixeira Joca⁶

RESUMO

A Liga de Libras e Atenção à Saúde da Pessoa Surda (LILAS) é uma agremiação de natureza estudantil, que traz em sua essência o interesse pela acessibilidade na atenção à saúde, com maior foco na atenção à saúde da comunidade surda. A Libras foi reconhecida como uma língua oficial do Brasil através da lei número 10.436, de 24 de abril de 2002, a qual cita que ela é uma forma legítima de comunicação e expressão. Diante do que vem sendo exposto, surgiu a inquietação de alguns estudantes do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) por não se sentirem preparados para oferecer um serviço acessível às pessoas com deficiência e, em especial, aos sujeitos surdos. O projeto foi criado por estudantes do curso de medicina, posteriormente, em 2021, foi ampliado para os demais cursos da área da saúde, sendo estipulado como liga acadêmica. O projeto tem como objetivo principal preparar futuros profissionais de saúde para o atendimento do paciente surdo por meio do uso da Libras. Este estudo trata-se de um relato de experiência do tipo narrativa e de natureza descritiva e explicativa. Este estudo visa compartilhar experiência de um projeto, usando como base a literatura publicada e também esclarecer de uma forma sucinta, clara e objetiva informações sobre o que se sabe acerca da Surdez e as dificuldades do atendimento à pessoa Surda com finalidade de facilitar o entendimento desta para os profissionais da saúde.

Palavras-chave: Surdo, Acessibilidade Comunicacional, Atendimento Inclusivo, Atendimento em Saúde, Língua de Sinais.

¹ Graduando do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza - Unifor, fernandodiogo_@edu.unifor.br;

² Graduanda do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza - Unifor, camilaacolares@edu.unifor.br;

³ Graduanda do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza - Unifor, leticiagurgel@edu.unifor.br;

⁴ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza - Unifor, felipecavalcante@edu.unifor.br;

⁵ Graduanda do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza - Unifor, iranisemartins@edu.unifor.br;

⁶ Professora orientadora: Doutora, Universidade Autónoma de Lisboa - UAL e Professora da Universidade de Fortaleza - Unifor, , terezinhajoca@unifor.br;

INTRODUÇÃO

A Liga de Libras e Atenção à Saúde da Pessoa Surda (LILAS) é uma agremiação de natureza estudantil, que traz em sua essência o interesse pela acessibilidade na atenção à saúde, com maior foco na atenção à saúde da comunidade surda. Para melhor compreensão dessa comunidade, retomamos a década de 1990, séc. XX, quando houve maior mobilização e fortalecimento dos movimentos de surdos no Brasil, em prol do reconhecimento da língua de sinais como primeira língua dos surdos, nas mais diversas áreas. Desse modo, com forte movimento junto aos órgãos públicos, envolvendo a necessidade de reconhecimento da diferença linguística, o povo surdo conseguiu, com as autoridades políticas, garantir a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial em alguns estados, abrindo o caminho para a oficialização da mesma em todo o território nacional. (THOMA; KLEIN, 2010).

A Libras foi reconhecida como uma língua oficial do Brasil através da lei número 10.436, de 24 de abril de 2002, a qual cita que ela é uma forma legítima de comunicação e expressão, compreendendo-se como Libras uma língua de natureza visual-motora, que utiliza-se da sinalização, possuindo gramática e estrutura própria, se adequando de acordo com a cultura de comunidades surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

No decorrer dos anos, a comunidade surda brasileira lutou por seus direitos para ter a língua de sinais oficialmente reconhecida, de modo a possibilitar a inclusão dos que por anos foram privados de seus direitos devido à barreira na comunicação. Os surdos precisam se fazer entender e entender os outros, que na maioria das vezes são ouvintes; compreendendo o mundo à sua volta, podem ter mais acesso aos direitos garantidos por lei, podendo alcançar melhor qualidade de vida. (SANTOS; SOUZA, 2019, p. 2)

Contudo, como bem se reconhece na realidade social historicamente determinada, a existência de uma lei, embora fundamental enquanto ganho político no processo democrático, bem como definição de direito, não é uma garantia de realização. A promoção da Libras em várias instâncias, como simbolizado na luta por escolas bilíngues e a presença de intérpretes de Libras, tanto na Educação Básica quanto no ensino universitário e nos cenários de saúde, continua sendo, portanto, um ideal a ser alcançado.

Diante do que vem sendo exposto, surgiu a inquietação de alguns estudantes do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) por não se sentirem preparados para oferecer um serviço acessível às pessoas com deficiência e, em especial, aos sujeitos surdos. E, assim, o projeto surgiu a partir do contato dos estudantes da área da saúde

com a língua de sinais e a cultura surda. Inicialmente, em 2020, idealizado ainda como grupo de estudo, o projeto foi criado por estudantes do curso de medicina, posteriormente, em 2021, foi ampliado para os demais cursos da área da saúde, sendo estipulado como liga acadêmica. A partir de então, constituiu-se a LILAS, com diversas propostas abordando os pilares de ensino, pesquisa e extensão, dentre elas encontros semanais, a fim de executar aulas teóricas acerca da temática e de capacitações internas práticas em Libras, elaboração de atividades de caráter científico, organização de cursos teóricos-práticos e atendimentos ambulatoriais multidisciplinares para surdos em Libras.

Primeiramente, foi colocado em prática os atendimentos ambulatoriais, na área da medicina, com um médico/professor orientador fluente em Libras e seis médicos em formação. Em seguida, foram instituídos atendimentos psicológicos, com uma psicóloga/professora orientadora, quatro psicólogos em formação e um intérprete de Libras, como apoio; atendimentos odontológicos, com um cirurgião-dentista/professor orientador, duas cirurgiãs-dentistas em formação e um tradutor/intérprete de língua de sinais (TILS), como apoio; e por fim exames fonoaudiológicos, realizados por uma fonoaudióloga/professora orientadora e um TILS, como apoio. Os atendimentos médicos acontecem todas as manhãs das quartas-feiras, enquanto os atendimentos psicológicos ocorrem nas tardes de quintas-feiras, os atendimentos odontológicos ocorrem nas tardes de segundas-feiras e quintas-feiras e os atendimentos fonoaudiológicos ocorrem nas tardes de terças-feiras.

Para elaborar este estudo, adotou-se a observação participante, associada a utilização de diário de campo (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2007). Como embasamento teórico, foi utilizada a Abordagem Centrada na Pessoa, por trazer em sua essência a proposta de aceitação incondicional. Seguindo nessa linha, Joca (2015, p.195) complementa afirmando que, “quando há uma aceitação incondicional da pessoa em sua condição de ser surdo, ela flui de forma natural em direção ao crescimento”.

Durante os encontros, percebia-se a surpresa dos estudantes com a dificuldade do atendimento em uma língua visual e as diferenças por ser uma outra cultura, em contrapartida a atitude de aceitação do outro em sua diferença, permitia que os atendimentos avançassem com o processo de inclusão proposto.

O projeto tem como objetivo principal preparar futuros profissionais de saúde para o atendimento do paciente surdo por meio do uso da Libras, além de realizar projetos de pesquisa com o fito de mensurar e melhorar a acessibilidade de pessoas surdas aos serviços de saúde; realizar atendimentos ambulatoriais para pessoas surdas, promovendo um

acompanhamento longitudinal de saúde para essa população e por fim conscientizar a comunidade, especialmente a acadêmica, acerca da importância da acessibilidade. Compreende-se que o projeto possibilita desenvolver a inclusão comunicacional na área da saúde e amenizar o sofrimento do surdo que não sabe como expressar a sua dor. Além de denotar relevância por suscitar a necessidade de políticas públicas que insiram a acessibilidade comunicacional nos espaços de atendimento em saúde.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um relato de experiência do tipo narrativa e de natureza descritiva e explicativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 36), “engloba leitura, seleção, fichamento e arquivo dos tópicos de importância para a pesquisa em pauta, com vistas a entender as contribuições científicas que se efetuaram sobre determinado assunto”. Portanto, este estudo visa compartilhar experiência de um projeto, usando como base a literatura publicada e também esclarecer de uma forma sucinta, clara e objetiva informações sobre o que se sabe acerca da Surdez e as dificuldades do atendimento à pessoa Surda com finalidade de facilitar o entendimento desta para os profissionais da saúde.

A pesquisa bibliográfica foi baseada em publicações na forma de artigos, periódicos, revistas, livros, patentes, documentos jurídicos e sites especializados e confiáveis. Além disso, foram utilizadas nesta pesquisa as seguintes palavras-chaves ou descritores identificados existentes cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Surdo, Acessibilidade Comunicacional, Atendimento Inclusivo, Atendimento em Saúde e Língua de Sinais sendo aplicadas juntamente com os operadores booleanos, nas seguintes combinações: Surdo AND/OR Acessibilidade Comunicacional AND/OR Atendimento Inclusivo AND/OR Atendimento em Saúde AND/OR Língua de Sinais. (Podendo ser combinadas em qualquer ordem e algumas serem ocultadas). Para análise, os materiais referenciados foram publicados entre o ano de 2000 até 2021, levando em consideração produções brasileiras. Os trabalhos consultados estão no idioma português.

REFERENCIAL TEÓRICO

A deficiência auditiva, congênita ou adquirida, consiste na diminuição da capacidade de percepção normal dos sons. (ARAÚJO et al., 2019) "No Brasil, segundo o Censo de 2010, há 23,9% da população nacional com algum tipo de deficiência, sendo que destes, 5,1% possuem

surdez; e em escala global a comunidade surda totaliza cerca de 360 milhões de pessoas." (SOUZA et al., 2017, p.396)

"Por ser uma comunidade minoritária linguística e culturalmente, os surdos enfrentam inúmeras barreiras na acessibilidade a diversos serviços, em especial nos serviços de saúde." (SOUZA et al., 2017, p. 396) Essas barreiras dificultam a comunicação entre o paciente surdo e os profissionais de saúde, o que dificulta o processo de cuidado e assistência ao doente, isso pode gerar riscos à saúde do indivíduo e da comunidade a qual ele pertence. (BACHUR; CARDOSO, 2021). Segundo Souza (2017, p. 403), dentre essas barreiras podemos citar a barreira linguística, em decorrência de diversos impedimentos, como: falta de treinamento dos profissionais de saúde, dificuldades financeiras para contratar intérpretes e ausência de adaptações para pacientes surdos.

Um dos motivos pelo atraso e negligência acerca da divulgação de conhecimentos sobre a língua de sinais se deu pelo Congresso Internacional de Educação para Surdos que ocorreu em Milão (Congresso de Milão) no ano de 1880, esse marco histórico teve um grande impacto na cultura e educação da comunidade surda mundialmente, pois por meio dele foram proibidos os acessos às línguas de sinais na educação dos surdos, sendo os surdos obrigados a se comunicar com base no oralismo puro, impossibilitados de sinalizar, muitas vezes, exerciam resistência à reforma oralista. (NASCIMENTO; RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2021; RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2022)

Dentro desse cenário, a comunidade surda se encontra na parcela da população que não consegue atendimento igualitário nos sistemas públicos de saúde, sendo marginalizada da sociedade e dos serviços. Pacientes surdos geralmente buscam o sistema de saúde com menos frequência que os pacientes ouvintes, referindo, como principais causas, o medo, a desconfiança e a frustração. A comunidade surda sente necessidade de maior inclusão em diversas atividades desenvolvidas para a população geral, principalmente aquelas que envolvem conhecimentos sobre educação em saúde. (SOUZA et al., 2017)

Diante do reduzido número de profissionais com domínio da língua de sinais, outros métodos de comunicação precisam ser utilizados no momento do atendimento médico, sendo os mais comuns o uso de intérprete da língua de sinais, papel geralmente desempenhado pelo acompanhante do paciente; a escrita; a leitura labial; e o uso de gestos e mímicas. (ARAGÃO et al., 2014; GOMES et al., 2017 apud BACHUR; CARDOSO, 2021, p. 235).

A prática de intermediadores durante as consultas em saúde é uma prática ainda constante no cotidiano de muitos indivíduos surdos, isso acontece pela falta de capacitação

desses profissionais acerca de um atendimento acessível à comunidade surda. Perante o exposto, utilizando-se dessa prática, nota-se uma maior perda do vínculo profissional-paciente, podendo ainda ter o direito de sigilo do atendimento violado pelo acompanhante. A decepção e desconfiança são emoções comuns entre os surdos e deficientes auditivos acerca da discrepância de qualidade dos atendimentos em relação com o de pessoas ouvintes, quando bem atendidos, demonstram satisfação, pois o medo de continuar enfermo, ser enganado e a não obtenção da terapia ideal pelo profissional que o atendeu é constante em sua realidade. (CARDOSO et al., 2006; REEVES; KOKORUWE, 2005; BACHUR; CARDOSO, 2021)

Devido a inclusão plena das pessoas surdas ou com deficiência auditiva na atenção integral à saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas; destacaram a necessidade de profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação durante os atendimentos. (ARAÚJO et al., 2019) Uma comunicação efetiva durante o atendimento em saúde está associada a uma maior aderência do paciente às recomendações. Desse modo, adotar medidas que visem melhorar a qualidade da comunicação entre profissionais de saúde e deficientes auditivos é algo necessário e importante. (BACHUR; CARDOSO, 2021)

Porrozzi e Souza (2009), mencionam a importância de que os profissionais da área da saúde sejam bem capacitados, devendo o ensino da Libras ser implementado nos cursos de graduação.

Ademais, recomenda-se que os estudantes da área de saúde tenham, nos currículos de seus respectivos cursos, a disciplina de Libras incluída, não como eletiva, mas sim como crédito obrigatório. Tal medida, num futuro próximo, proporcionaria a aquisição de saberes que iriam modificar as atitudes destes profissionais em relação ao atendimento prestado aos clientes surdos, aos seus familiares, assim como também uma maior interação em situações de convívio profissional com colegas surdos, o que contribuiria sobremaneira para uma otimização da atuação do profissional, da atenção à saúde e do ato de cuidar. (ARAÚJO et al., 2019, p. 8-9)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das questões anteriormente citadas acerca da necessidade da prestação de serviço à comunidade surda, em 2022.1, iniciaram-se os atendimentos nos ambulatórios a pacientes surdos em uma clínica escola numa universidade particular de Fortaleza. Inicialmente os ligantes se matricularam em cursos externos de Libras, além de ter encontros semanais com um intérprete para aos poucos irem conhecendo a comunidade surda. O intuito

de tal vivência foi capacitar os alunos em formação para o atendimento deste público em específico. Todos os ligantes envolvidos neste processo foram supervisionados por um(a) professor(a)/orientador(a) que trabalha na referida instituição.

A partir desta experiência, foi possível perceber potencialidades e desafios nesta prática. As potencialidades podem ser enumeradas como a possibilidade de prestar um atendimento digno a esta parcela da população que por muitas vezes é vulnerabilizada e estigmatizada. Que em geral, enfrentam várias barreiras para ter um atendimento de qualidade. Além de proporcionar a experiência de atendimento a uma minoria, o que contribui para a sensibilização e humanização dos profissionais em formação envolvidos neste projeto. Propiciando um olhar atento às necessidades das pessoas surdas.

Os desafios encontrados foram o choque cultural e linguístico entre os pacientes surdos e os ligantes. Mesmo com o suporte de um intérprete para auxiliar na comunicação durante os atendimentos, foi percebido a escassez de recursos linguísticos quanto às intervenções de saúde em Libras, que ainda é pouco simplificada/divulgada para os surdos. Dessa forma, muitas vezes os ligantes precisavam repensar e adaptar as intervenções para que elas se tornassem acessíveis ao paciente que estava em atendimento.

Portanto, mesmo com este cenário, pôde-se perceber que sim, é possível desenvolver atendimentos ambulatoriais para pessoas surdas a partir de profissionais ouvintes, mesmo que a barreira linguística seja uma dificuldade. Pois, assim como os ouvintes, as pessoas surdas também apresentam enfermidades e merecem receber acolhimento ao seu sofrimento. Cabe aos profissionais e aos serviços de saúde se adequarem e se adaptarem para atender às necessidades deste público, sempre levando respeito, dignidade e equidade para aquele sujeito que busca atendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que haja uma comunicação eficaz entre profissionais da saúde e a comunidade surda, é de suma importância que a Libras seja incluída como disciplina obrigatória na grade curricular dos cursos da área da saúde. Dessa forma, a criação de vínculos com os pacientes será facilitada, resultando em uma melhoria da qualidade dos atendimentos e em uma maior relação de confiança, a qual a pessoa surda terá maior segurança em buscar os serviços de saúde.

Nesse cenário, é importante ressaltar que a LILAS contribui para um maior crescimento pessoal e profissional dos estudantes da área da saúde que a integram, visto que possibilita que estes se comuniquem e atendam de forma mais empática e humanizada essa

parcela da população, compreendendo as suas demandas e os seus obstáculos. Além de possibilitar que a comunidade surda exerça o direito de sua cidadania com atendimentos ambulatoriais acessíveis.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. et al. A Dificuldade no Atendimento Médico às Pessoas Surdas. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, [s. l.], n. 1, ed. 3, p. 3-9, 2019. Disponível em: <<http://revista.fcmg.br/ojs/index.php/ricm/article/view/64/45>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BACHUR, T. P. R.; CARDOSO, G. Y. R. O atendimento médico de pessoas surdas e seus desafios. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 11, n. 2, p. 232-243, 8 set. 2021. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/9017/10905>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

BRASIL. Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União, Brasília**, 22 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 5 abr. 2022.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300166/mod_resource/content/1/MC2019%20Minayo%20Pesquisa%20Social%20.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2022.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

JOCA, T. T. . **Um estrangeiro em família: ser surdo como diferença linguística**. Tese de doutoramento, Universidade Autónoma de Lisboa. Lisboa: Repositório Institucional Camões. 2015. Disponível em <<https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/1179/1/Tese%20T.Joca%20Vers%c3%a3o%20Final%20p%c3%b3s%20pr%c3%a9via%20de%20j%c3%bari.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2022

NASCIMENTO, G. S. X; RODRIGUES, J. R.; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C. **Impressões sobre o Congresso de Milão**. Revista Letras Raras, [S.l.], v. 10, n. 3, p. Port.310-319, out. 2021. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1934>>. Acesso em: 20 jun. 2022

PORROZZI, R.; SOUZA, M. T. de. Ensino de libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. **Revista Práxis**, v. 1, n. 2, ago. 2009. Disponível em: <<https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/1119/1007>>. Acesso em: 5 abr. 2022

RODRIGUES, J. R; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C. Olhar novamente para o Congresso Internacional de Educação para Surdos em Milão (1880): um desafio historiográfico. **Revista Brasileira de História da Educação [online]**. 2022, v. 22. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbhe/a/k8sQykZnrVFXvtZPfsWk3Dy/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS, M. C.; SOUZA, J. C. S. de S. Libras na educação: limites e possibilidades. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 13, 9 jul. 2019. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/13/libras-na-educacao-limites-e-possibilidades>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

SOUZA, M. F. N. S. et al. Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura. **Rev. CEFAC**, [s. l.], n. 3, ed. 19, p. 395-405, 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-0216201719317116>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rcefac/a/Lr7dq73TcmLt3GSSxv3H75J/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 5 abr. 2022



THOMA, A. S.; KLEIN, M. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de educação FaE/ PPGE/UFPel**. Pelotas [36]:107-131, maio/agosto, 2010. Disponível em:
<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1603/1486>>. Acesso em: 5 abr. 2022.